

AÇÃO DIRETA

SEMENARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Ninguém me pode forçar a viver a seu modo. Todo individuo deve procurar sua felicidade como lhe aprouver, mas, sem prejudicar a liberdade alheia.

EMMANUEL KANT
(Autonomia da vontade)

ANO I

Rio de Janeiro — Domingo, 20 de outubro de 1946

N.º 23

FRANCISCO FERRER

Seu assassinio pelo governo espanhol chefiado por Maura e dominado pelo clero ocorreu no dia 13 de outubro de 1909

Seu crime? Ter fundado e propagado na Espanha as **escolas modernas**, isto é, **escolas racionalistas**, capazes de livrar a juventude espanhola do ensino dogmático, caótico, escravizador, estupidificante do jesuitismo.

Ensinar *verdades aceitas pela razão* em vez de *mentiras impostas pelo dogma!*

O processo contra Ferrer foi um dos mais infames atos jamais praticados pelos governos reacionários.

Aos 8 de outubro, Ferrer escrevia: «Embora o fiscal continue a considerar-me chefe da rebelião, estou tranquilo e meu defensor é da minha opinião. Nada, nada temo, absolutamente nada! Quanto à pressão do governo, não nos inquietamos; é infame, horrível, como queiras; mas confio nos juizes do conselho de guerra. É impossível que condenem um homem completamente inocente de tudo aquilo de que o acusam».

Era o depoimento de uma consciência pura. De nada lhe valeu a inocência. Fuzilaram-no às 9 horas da manhã na fortaleza de Montjuich.

Essa miséria dos reacionários, Estado e Igreja, levantou, em todo o mundo, enorme celeuma, protestos de toda parte e de todo calibre! Os assassinos afrontaram o mundo



FRANCISCO FERRER e SOLEDAD VILAFRANCA

liberal e a consciência humana que os inculpava.

Para dar uma idéia da segurança moral de Ferrer, basta citar palavras do seu testamento escrito poucas horas antes de morrer:

«Desejo que, em nenhuma ocasião, próxima ou remota, façam, diante dos meus restos mortais, quaisquer manifestações de caráter político ou religioso, considerando que o tempo gasto em ocuparmo-nos dos mortos melhor se aplicaria em melhorar a condição dos vivos, de que tanto precisamos... Desejo mais que meus amigos falem pouco ou nunca de mim; porque, exaltando-se os homens, criam-se ídolos, o que é grande mal para o futuro humano; só os atos, sejam quais forem os de que emanam devem ser estudados, exaltados ou deprimidos. Louvem-se para que os imitemos, se parecem concorrer para o bem comum e critiquem-se para não se repetirem caso se considerem prejudiciais ao bem geral».

«Ao lado de Ferrer, havia a esposa nobre vulto de Soledad Villafranca, sua devotada companheira e denodada auxiliar da grande obra educativa sonhada pelo mártir.

SOBRE UNS ARTIGOS DE "A VANGUARDA SOCIALISTA"

A História dirá algum dia a última palavra

Por MANOEL PERES

Os Anarquistas e a Guerra Espanhola

Vou responder pessoalmente a algumas afirmações absolutamente inverídicas contidas no capítulo VIII de uma série de artigos que, sobre a Guerra Civil na Espanha, vem publicando a Vanguarda Socialista. O capítulo que menciono saiu na edição do dia 13 de setembro do referido semanário.

Dois motivos existem para que eu escreva o presente artigo. O primeiro é que fui sempre militante da C. N. T. e do Movimento Libertário Espanhol, e o segundo é que vivi intensamente os episódios mais intensos da Guerra Civil Espanhola e estava em Barcelona durante os dramáticos acontecimentos de maio de 1937, quando os anarquistas, unidos aos trabalhadores da Confederação, empunharam as armas para defenderem generosamente as conquistas revolucionárias, que eles arrancaram ao capitalismo nas memoráveis jornadas de julho de 1936.

Declaração de Princípios.

Não quero empregar meu tempo em divagações filosóficas, já que os momentos críticos que vive a humanidade exigem uma luta prática e eficiente para chegar rapidamente a uma transformação social que assegure aos seres hu-

manos uma existência livre e feliz.

Diz o articulista em sua crônica que « — O arsenal teórico do anarquismo deriva do radicalismo pequeno-burguês » — Essa afirmação, que de há muito se transformou em uma espécie de estribilho ou de senha na boca dos marxistas, não merece resposta séria.

É um absurdo qualificar como teoria de pequeno burgues um ideal que tem como base fundamental a abolição do Estado, da propriedade privada, e da exploração do homem pelo homem, para chegar, com métodos genuinamente revolucionários, à socialização de todas as riquezas tornando-as patrimônio comum para estabelecer, dessa forma, uma Sociedade de Produtores Livres.

Isso, logicamente, não pode ser conseguido prestigiando ou colaborando com o Estado e, muito menos, transformando um ou vários homens em chefes supremos. Eu não sou stalinista nem trotskista, sou anarquista e, justamente por ser anarquista, detesto a idolatria, porque esta anula a personalidade humana e conduz fatalmente à tirania.

O P. O. U. M.

O P. O. U. M. — Parti Ouvrier de Unification Marxiste, o que equivale em português a Par-

tido Operário de Unificação Marxista, foi fundado na Catalunha por Andrés Nin e Joaquim Maurin, ambos dissidentes do Partido Comunista. Devo esclarecer que Andrés Nin era amigo íntimo de Trotski, pois, nos princípios da Revolução Bolchevique foi à Rússia como membro de uma delegação enviada pela C. N. T. a cujo organismo pertencia. Uma vez em Moscou, aderiu ao comunismo sendo nomeado para o Comitê Central do Partido e só regressou à Espanha após o triunfo de Stalin sobre Trotski fundando então o P.O.U.M. para defender as teorias do seu protetor.

A influência do P.O.U.M. nos meios proletários da Espanha era insignificante; apenas na Catalunha, onde foi fundado, tinha alguns partidários, isso mesmo na provincia de Gerona. É justo mencionar também que entre o proletariado Espanhol era de igual forma muito pequeno o prestígio do Partido Comunista. Dou esses esclarecimentos porque o articulista pretende apresentar-nos o P.O.U.M. como organização revolucionária mais perfeita da Espanha.

A.C.N.T. e os Anarquistas não pertenceram a frente Popular.

Do artigo que comento é a seguinte afirmação absolutamente inexacta.

— O P. O. U. M. combateu a

Frente Popular em 1935, mas não era bastante forte para impedir que os sindicalistas, anarquistas, socialistas e comunistas, unidos aos republicanos se reunissem em torno ao magro programa da anistia às vítimas do levante dos Astúrias.»

É lamentável que, para defender o seu ponto de vista e a sua organização, o articulista empregue a deslealdade e a mentira. Quando, em 1935, foi fundada a Frente Popular, a C.N.T. negou-se rotundamente a pertencer à mesma já que não podia dar seu apoio aos homens que, quando estiveram à frente dos destinos da República, a perseguiram a sangue e fogo.

Durante o período eleitoral de 1936, a bandeira de combate de todos os partidos políticos, e entre eles o próprio P.O.U.M., era a liberdade dos 30,000 trabalhadores presos como consequência da revolução das Astúrias. A C.N.T. e os anarquistas fizeram intensa campanha a favor daqueles prisioneiros, porém jamais afirmaram que era necessário votar nas esquadras para conseguir essa liberdade.

Eu era redator de «Solidariedade Obrera», de Barcelona, em fevereiro de 1936, e recordo-me de que justamente no dia 16, data das eleições, de acordo com toda a redação, o órgão da C.N.T. publicava um artigo dirigido aos trabalhadores

que tinha como título. — «Vota, pero Escucha». — Nesse artigo existia esta afirmação:

A C.N.T. jamais votou, nem votará nunca pois entende que a Emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos Próprios Trabalhadores, e estes não podem esquecer os que hoje pedem seu voto prometendo-lhes a liberdade dos irmãos asturianos são os mesmos que os perseguiram quando governantes, fechando os seus sindicatos e enviando os seus melhores militantes às terras inhóspitas de Villa Cisneros. Agora, trabalhador, consulta tua consciência e, se ela te disser que deves votar, faz-o sob tua própria responsabilidade porém jamais invocando o nome da organização.»

É interessante recordar que o P. O. U. M. que combatia a Frente Popular, não tendo forças para eleger um único deputado, incluía o nome de seu líder Joaquim Maurin na chapa da Coalisão Republicana Socialista pela qual foi eleito pela provincia de Barcelona. O mesmo aconteceu ao Partido Comunista que conseguiu 16 deputados incluindo-os na chapa da Frente Popular.

Os acontecimentos em maio.

Não quero recordar detalhadamente aqueles acontecimentos para não reviver paixões nestes momentos amargos para o povo

Continua na pag 4

QUANTO PESA A RELIGIÃO...

A mais completa expressão das aspirações de domínio religioso e político tivemos no *césar-papismo*.

Desde então, os sacerdotes são os únicos verdadeiros amantes da religião, porque esta lhes é motivo de segurança da vida parasitária, prestigiosa e opressora que desfrutaram tradicionalmente à custa da ignorância popular, por eles próprios conservada, sob os tabus, astuciosamente engendrados na educação dos povos. Contra eles, porém, levanta-se dia a dia a ciência, essa revolucionária esmagadora dos mitos e dos preconceitos.

Julgue-se, por exemplo, a utilidade da religião, quando seus íntegros princípios são recrutados por Gengis-Khan, o poderoso soberano mogol, que assombrou meio mundo com suas campanhas e conquistas, inteligentemente auxiliado pela religião, nessa política de domínio, transformando-se

para sua tribo, num descendente do sol.

Julgue-se a religião quando converte Alexandre de Macedônia numa divindade, lutando contra Dario, como descendente do poderoso Zeus-Amon. Serviu-se da religião e a religião serviu prazerosamente Alexandre, para que levasse a cabo seus planos políticos. E ambos saíram vitoriosos.

Alexandre ergueu o enorme império dos macedônios, desprezou o nome de Felipe, como sendo o nome de seu pai, e exigiu honras divinas dos povos subjugados. E a religião, por meio desse imperador, conseguiu implantar-se na Europa num reinado divino.

Em Roma, quando Júlio César se elevou à categoria de ditador, declarou-se de origem dos deuses e sem nenhuma relação com os homens. Aliás, Caelius quis fundamentar essa di-

vindade, dizendo que: «Assim como os homens cuidam das ovelhas sem ser ovelhas, assim também, aqueles que foram designados soberanos sobre os homens não são seres humanos, são deuses.»

O cesarismo continuou vivendo em Roma. A Igreja levantou-se e a figura do Papa apareceu no trono de César, batalhando com tenaz energia, na transformação da humanidade inteira num rebanho gigantesco sob o cetro do sacerdotismo. Quando o soberano não se diz Deus, diz-se geralmente soberano PELA GRAÇA DE DEUS, e, por isso, um ser de natureza superior. Esse o caminho de todos os ditadores.

Dizem que o poder foi, primeiramente, sacerdotal; porém, que diferença há, em essência, entre esse poder e os poderes de hoje? A idéia do pecado original se en-

contra na base de todos os sistemas religiosos e em quase toda teoria do Estado.

Mussolini, ateu declarado, inimigo de toda crença eclesiástica, como hábil teólogo de Estado, reconheceu que seu poder só teria consistência se conseguisse firmar-se do sentimento de dependência de seus súditos e dar-lhe um caráter religioso. Embora houvessem as tropas de Victor Manuel destruído o poder temporal do Estado eclesiástico em 20 de setembro de 1870, o Duce, para comprar a paz do Vaticano e manter-se no poder, indenizou o Papa financeiramente da injustiça que havia praticado. Reconheceu o catolicismo como religião do Estado e entregou ao clero uma parte dos estabelecimentos públicos de educação.

No Brasil, não é necessária doação, nem concordatas. O clero exige ou intro-

duz-se na legislação do país, nos colégios oficiais e nas repartições públicas. O próprio Deus é hoje testa de ferro de nossa Constituição.

Na Rússia, a Associação da Ateus, favorecida pelo governo, dirige-se contra as velhas formas de fé eclesiásticas, porém, de modo algum se dirige contra a própria Fé. Todo chefe de Estado reconhece, para garantia do seu poder, que — «Sem papa não há soberania; sem soberania não há unidade; sem unidade não há autoridade; sem autoridade não há crença». Pensamento de De Maistre.

Por isso a religião tem sido na história o portavoze de todas as mentiras e o escudo de todos os crimes. Para ela não deve haver a menor concessão à lógica, pois toda sabedoria é vã. «E a sabedoria do homem — dizem — não pode resistir diante da sabedoria de Deus.»

J. L. Ney

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICICA

(Continuação do n. 22)

Na anarquia, tal não se dará, porque, não podendo o indivíduo viver sozinho, o rompimento com os companheiros lhe seria prejudicial, como veremos.

III

88 — *As assembléias de classe* — Sendo a comuna constituída só de trabalhadores, é naturalíssimo que se agrupem os companheiros em classes profissionais para melhor planeamento, distribuição e execução dos serviços. Todos os trabalhos de carpintaria estarão necessariamente a cargo dos carpinteiros; do ensino cuidarão os professores; da saúde geral, os médicos, e assim por diante.

Todos os problemas, projetos, programas e sua efetivação ficam destarte entregues à competência dos mais entendidos.

Essas assembléias não têm presidentes, nem secretários, nem tesoureiros, pois não há dinheiro que guardar, cobrar ou gastar. Qualquer comunique dirige os debates. Note-se, desde já, que as assembléias comunais, assim especializadas, são em geral muito reduzidas, e pouco haverá que discutir.

Tais assembléias reunir-se-ão sempre que for necessário.

89 — *Distribuição dos serviços* — Ninguém conhece melhor os bons técnicos ou a capacidade de cada companheiro do que os próprios companheiros. Logo, natural e espontâneo é que o chefe de um serviço seja apontado ou proclamado pelos próprios camaradas. É o que se dá em toda a parte, quando se escolhe um orador, um emissário, um delegado, um cabeça de cangaço, etc. Os selvagens proclamam seu tu-cháua o mais valente; nas associações anarquistas, os vários serviços de propaganda, falada ou escrita, as festas, a distribuição de folhetos a ação nos sindicatos, etc., etc., tudo é feito sem nenhuma votação, cabala ou nomeação, mas por indicação e aprovação geral ou por oferecimento espontâneo, aceito pela assembléia.

Assim, confiados os serviços às associações ou grupos profissionais, a esses compete escolher o mais competente para dirigir os serviços, sujeita, naturalmente,

a ação dele à anuência, crítica ou discussão da assembléia.

Ao diretor técnico incumbe projetar, expor e distribuir os serviços necessários, escolher os trabalhadores adaptando os mais idôneos a cada mister.

A distribuição do serviço é feita sempre na véspera, em tabela afixada depois de aprovação, de modo que, no dia seguinte, cada trabalhador sabe o que vai fazer, o horário e o local.

Suponhamos, por exemplo, numa zona açucareira, uma grande comuna de dois mil trabalhadores. Há uma usina com uma vasta região circunstante para plantio de cana. Temos três classes, bem distintas, de trabalhadores: os *rurais* — plantadores, limpadores, cortadores, carreiros, cambiteiros, aradeiros, etc.; os *operários* — maquinistas, foguistas, mecânicos, turbinheiros, carpinteiros, ferreiros, eletricitas, destiladores, pedreiros, faxineiros, arrumadores, cozinheiros, lavadores, etc.; os *anexos* — médicos, enfermeiros, dentistas, professores, artistas, farmacêuticos, etc. — classe aliás muito reduzida.

Evidentemente, nada importa ao turbinheiro o serviço de um cortador de cana. A direção dos serviços de campo compete, pois, a um trabalhador que os superintende metódicamente, procurando a melhor técnica para obter o máximo resultado com o mínimo esforço; a dos serviços da usina, a um engenheiro especialista; a dos professores a um pedagogo; a da saúde pública a um médico.

90 — *Hierarquia e disciplinas funcionais* — Os anarquistas são intransigentes adversários de qualquer hierarquia e disciplinas autoritárias, mas preceituam, como absolutamente indispensáveis ao máximo de rendimento econômico, a hierarquia funcional. Não admitem ordens, imposições de uma autoridade que as quer rigorosamente cumpridas, sob pena de castigo — prisão, demissão, suspensão, multa, etc.

A hierarquia funcional é a que distribui os serviços conforme a capacidade de superintendência de cada trabalhador, firmado o acordo para a execução de um serviço e se empenha a

cumprir sua tarefa com a maior eficiência.

Essa hierarquia é lógica, racional e espontaneamente aceita em qualquer associação tipicamente anarquistas, muito comuns dentro da organização atual.

Com efeito, todas as associações de esporte ou diversão, grêmios, clubes, etc., são de tipo anárquico, pois obedecem sempre por acordo mútuo. São apenas viciados pelos burgueses estatutos e pela clássica mesa diretora, presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário, orador oficial etc.

Um clube dramático de amadores dar-nos-á bem o padrão da hierarquia funcional anárquica. Escolhe-se um diretor geral, o mais entendido em arte cênica e todos seguem seus conselhos, distribuição de papéis, marcação, concorrendo cada qual para o êxito da representação.

O diretor não pode castigar ninguém, expulsar o sócio, suspender-lo das funções, etc. Todavia, todos se submetem à disciplina funcional. Assim, não se vê um cômico pretender o papel de galã, uma ingénua exigir o lugar de um centro dramático, ou o contra-regras intervir na marcação do ensaiador. Nenhuma das figuras modifica a seu talento as marcas e todas atendem às chamadas do contra-regra.

Igualmente, não teríamos um mecânico a querer superpôr-se ao mestre ou ao engenheiro, o pedreiro a arvorar-se em arquiteto e assim por diante, mórmente em uma sociedade onde não poderá vingar o interesse monetário e onde a opinião pública, sendo absolutamente livre, é o verdadeiro termômetro das reputações e competências. Na anarquia, serão impossíveis os professores despreparados, os bacharéis elétricos, os técnicos guiados por empenhos, os mestres e contra-mes tres por pistolões políticos. Cada um tem de ser o que mostra e as imposições não viciarão. Se algum executor de serviço não se revela à altura da sua comissão, contra ele se erguerá o protesto das assembléias de classe e ele terá de renunciar à função ou vê-la cassada pelos seus mesmos companheiros.

91 — *A junta diretiva* — Vi-

mos cada ramo de serviço dirigido por um técnico competente escolhido pela sua classe. Importa manifestamente que o serviço de cada especialidade, longe de colidir com os demais, com eles concorra entre auxiliando-se perfeitamente harmonizados.

Para obter essa colaboração ideal importa que os diretores de serviço se entendam, examinem os prós e os contras de cada projeto e só decidam e apresentem à discussão e aprovação de seus companheiros, medidas bastante ponderadas.

Previdemos, pois, a necessidade de uma junta diretora, sem autoridade outra que a confiança dos trabalhadores, pois qualquer diretor de serviço pode ser destituído do seu cargo se mal servir.

92 — *Organização da produção* — O lema do anarquismo é, portanto, o princípio fundamental da futura sociedade anárquica, é o seguinte: *De cada um conforme suas forças e a cada um conforme suas necessidades.*

Nesse lema, estão consignados os pontos essenciais de toda a vida humana e a solução do problema de organização social. Com efeito, a primeira parte — *de cada um conforme suas forças* — reconhece a desigualdade natural dos homens sem os responsabilizar por suas fraquezas congênitas, nem recompensar por suas qualidades inatas, como atualmente sucede. Este, nenhuma culpa tem de haver nascido cego, doente ou intelectualmente apoucado; aquele, nenhum mérito pessoal possui por tê-lo a natureza prendado de talentos raros ou excepcional saúde.

Por isso, a regra de justiça, numa comunidade fraternal, é exigir de cada qual um esforço correspondente às suas capacidades. Assim, tanto vale para a coletividade o gênio de um médico, a voz de um grande tenor, a habilidade rara de um mecânico inventor, quanto a atividade de um estribeiro, a faina de um pescador, a tarefa de um tecelão.

Desde que o indivíduo executa a contento o serviço requerido pela comuna, trabalhe ele doze horas ou uma, cumpre o seu acordo e tem direito a participar de todas as vantagens asseguradas. Desse modo, o regimen de

produção, na anarquia, obedece a um princípio da maior elasticidade, sem limitações absurdas, distinções impertinentes.

Os serviços de campo, de fábrica, de escolas, de hospitais, de teatros, etc., incumbe aos grupos técnicos, escalados pela junta diretiva de produção.

93 — *Caráter da organização produtora* — Está demonstrado e o anarquismo reconhece — embora haja anarquistas contrários a isso — que o regimen ideal para obter-se maior e melhor produção com o menor esforço é o *trust* racionalizado, quer dizer, a produção em grande escala, com máquinas aperfeiçoadas e trabalhadores especializados, a trabalhar pelo sistema Taylor.

Esse regimen do *trust* foi precisamente o descoberto pelo capitalismo e por ele aperfeiçoado depois da guerra européia, com resultados tais que chegou a uma superprodução calamitosa e paradoxal, pois a miséria se agravou em todo o mundo.

Porque isso? Porque a superprodução, coisa excelente em regimen anárquico, é desastre certo em regimen capitalista. Em regimen anárquico, bastaria para corrigi-la, trabalhar menos. Como nada se compra nem vende, mas tudo se distribui universalmente com quem precise, o excesso não prejudica. Em regimen capitalista, estando satisfeitas as necessidades do consumidor ou não podendo este comprar, os produtos sobram e *enclham*, como se diz no comércio. Esse enclame é a ruína do capitalista, e, para os consumidores pobres, miséria e privações.

O regimen do *trust*, com a racionalização, permite grande economia de pessoal, tempo e matéria prima. Dá, pois, ao trabalhador mais folga para estudos ou divertimentos.

Assim, é quase certo que os serviços tenderão a ser mais municipais que propriamente comunais. Estou convencido de que todos habitarão um centro municipal e irradiarão pelas comunas nas horas de serviço.

(Continúa no próximo número)

AÇÃO ANÁRQUICA

NOTÍCIAS ANÁRQUICAS

Direct Action, periódico anarquista de Londres, publicou uma carta de H. Gilbert, secretário da *Industrial Workers of the World* e de W. Johnston, seu organizador, anunciando a discussão havida entre o *Movimento de Ação Sindicalista* e a *Federação Anarquista* sobre a necessidade de um movimento revolucionário mais eficiente. Foram estes os pontos acordados:

1. Nenhuma organização econômica ou política, presentemente, pode atuar efetivamente a luta diuturna pelo adiantamento econômico e social da classe trabalhadora dentro do arcabouço da sociedade vigente.

2. A estrutura e métodos de organização das uniões operárias ou da massa em geral torna-as incapazes de assumir a direção de uma indústria.

3. Somente criando um novo movimento unionista revolucionário poderia a classe obreira ter a capacidade de emancipar-se e energia criadora para reorganizar a sociedade.

4. O unionismo industrial científico, destinado pela I. W. W. para encontrar as condições da indústria moderna que preencham esses básicos princípios, é o mais adequado à Inglaterra:

a) Todos os trabalhadores da mesma indústria pertencem à mesma união industrial.

b) Todos os membros dessas uniões industriais pertencem diretamente, como membros, a uma *Gr. de União* de toda a classe trabalhadora.

5. Sem que o unionismo revolucionário se articule na Grande União, a classe dos trabalhadores dificilmente logrará prover os tipos de coordenação que as variadas circunstâncias requerem.

6. A nova união deve basear-se nos princípios anarcossindicalistas de organização:

a) controle da organização pelos membros, de baixo para cima

b) nenhum líder; todos os delegados e comitês eleitos, não permanentes e sujeitos a imediata exoneração.

c) repúdio à atividade política

d) desenvolvimento dos métodos de ação direta.

e) controle operário da indústria.

Acrescentam que o primeiro passo é estabelecer na Inglaterra a *administração inglesa* da I. W. W. e desencadear tremenda propaganda de esclarecimento dos trabalhadores iludidos com *Trade Unions* e políticos.

Devemos seguir doravante esse trabalho que se nos afigura, se não degenerar, de grande alcance, dado o poder incontestável da I. W. W. americana.

4. *As Trade Unions são capitalistas* — Colhemos em *Directa Action* de Londres as seguintes informações. Diz esse periódico: «Os sindicalistas britânicos sempre têm condenado as altas contribuições pagas pelos *trade-unionists*, especialmente os operários. Se as quotas altas fossem aplicadas a sustentar greves, nada diríamos: mas, na realidade, são entesouradas e empregadas empréstimos de guerra, propriedade e campanhas capitalistas. Vimos *trade-unionists*, como operários, favorecendo a ação grevista para aumento de salário; mas, como acionistas interessados na derrota de uma greve, quando ocorria numa indústria ou campanha de que a união cobrava dividendos. As *Trade-unions* inglesas são capitalistas no montante de

muitas dezenas de milhões de libras».

Em seguida *Direct Action* transcreve de *The American Mercury* estes dados: a) O capital das *Trade-unions* americanas sobem a 250 milhões de libras esterlinas (conversão em moeda inglesa); b) alguns anos faz a *Brotherhood of Locomotive Firemen and Engineers* (união operária) rompeu em violenta luta de salários contra John L. Lewis, por ter este *unionizado* os carvoeiros em minas da *Brotherhood*; c) a caixa da *Daniel Tobins Teamster Brotherhood* alcança 3.750.000.000 de libras; d) a *Internacional Ladies Garment Workers* de David Dubinsky possui um parque de veraneio em Pensilvânia, o primeiro edifício Ford de Nova York, o primeiro quarteirão de Tammany Hall e uma clínica no 26º andar, e) a Sidney Hillman's Amalgamated Clothing Workers (CIO) possui 1.085.000 libras e um banco; f) o arquinimigo de Hillman, John L. Lewis, controla a tesouraria da *United Mine Workers* com 3.000.000 de libras e quotas mensais no valor de 225.000 libras.

Agora, quanto ganham certos líderes das *Trade Unions*: Dan Tobin, da união dos transportes, recebe 7.500 libras com viagens de negócios ou recreio pagas, para ele e a mulher (cerca de 600 contos em moeda brasileira, por ano). John Lewis recebe dos mineiros 6.250 libras (500 contos) e despesas pagas. A *Federação Americana de Músicos* paga a Cesar Petrillo 12.000 libras anuais (960 contos).

Direct Action fecha o artigo com esta observação: «Não admira, pois, que as simpatias desses homens pendam, não para os trabalhadores, mas para o capitalismo de que são parte».

Não podemos deixar de observar o seguinte: «Como confiam os trabalhadores nesses líderes espertalhões a ponto de lhes pagarem tão caro os serviços e porque não confiam e até rechaçam nos anarquistas que não lhes pedem dinheiro, que servem de graça e lhes apontam a verdadeira solução da questão social?». Não seria curioso ponto para estudo, a começar aqui por casa? Falem os companheiros.

Apelo

Temos de aumentar nossa tiragem; mas, como já dissemos outro dia, a venda avulsa dá enorme *deficit*. Só um meio há de arcarmos com as despesas de maior tiragem. É estender-se a lista dos contribuintes e dobrar cada qual sua contribuição. Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios; não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma, não temos matéria paga.

Logo, apelamos para os entusiastas de *Ação Direta*. Procurem novos contribuintes. Dobrem ou tripliquem suas contribuições.

Atrás das palmas, a *ação direta*, ainda com sacrifícios.

O SOCIALISMO DA IGREJA

Muitos trabalhadores, enganados pela superstição religiosa, injetada diariamente, por todos os meios, na cachola popular, deixam-se levar pelas cantigas da *democracia cristã*, do *socialismo católico* pregado pelo papa Leão XIII com a célebre encíclica *Rerum novarum*. Depois das condenações furiosas do *socialismo*, cognominado *peste* pelo papa Pio IX, a Igreja definiu-se ou definiu o *seu socialismo* em falções várias de Leão XIII (encíclicas: *Quod apostolici muneris*, de 28-12-1878; *Rerum novarum*, de 15-5-1891; *Graves de communi*, de 18-1-1901).

Calçado nessas encíclicas, principalmente, e na *Instrução especial* da S. C. de Neg. Eccl. extraord. de 27-1-1902, o papa Pio X, sucessor de Leão XIII, organizou um *Regulamento Fundamental da Ação Popular Cristã*. Consta o regulamento de 19 itens, que merecem leitura atenta dos trabalhadores. Os militantes anarquistas deveriam possuir exemplares desse regulamento para comentarem as proposições, uma por uma, aos proletários iludidos pelos políticos da Igreja.

Vamos empreender a divulgação comentada desse evangelho totalitário, reflexo bem fiel do espírito dominador e fascista da Igreja Católica.

1. *A sociedade humana, tal qual Deus a estabeleceu, compõe-se de elementos desiguais, do mesmo modo que desiguais são os membros do corpo humano; torná-los iguais é impossível e seria a destruição da própria sociedade.*

Evidentíssimo, não é? Quem duvidou jamais disso? Houve alguém no mundo que afirmasse a igualdade física, mental ou moral dos homens? Onde andará esse maluco?

Essa afirmação é insinuada no princípio para fazer crer que os próceres da revolução social querem e pregam tal enormidade, quando eles proclamam apenas a *igualdade nas condições sociais*, quer dizer, nas possibilidades de vida e na repartição das riquezas.

Aproveitando, porém, o símile apresentado por Leão XIII, aceitamos que os membros são desiguais; mas, que todos eles, cada qual em sua função, devem ser *livres, bem nutridos, bem proporcionados*. Estômago, rins, fígado, coração, ossos, cérebro, etc., não de estar desimpedidos de estorvos e sobrecargas no seu funcionamento; não de estar bem alimentados dando-se-lhes quanto exigirem da riqueza comum para poderem produzir semente o que de cada qual exigir o corpo inteiro. Seria desejável que o fígado se superalimentasse em detrimento do pâncreas? que os rins malandrassem recusando-se a trabalhar? que, enquanto o coração não cessa de bater irrigando, os intestinos descansassem atônicos, sem lhe fornecer o necessário suprimento calórico?

O célebre apólogo de Agripa não teve a merecida resposta porque os plebeus, coitados, eram como os de hoje, de bestunço curto. Se houvesse entre eles algum anarquista, diria ao tal Menênio: «Olhe cá, seu moço, você fala bem mas não diz certo. Todos os membros precisam colaborar igualmente, cada qual em sua função. Está bem. Apenas há uma coisa, é que vocês, patricios, juntos com os seus sacerdotes e todo o colégio sacerdotal, não cumprem essas belas palavras. Nós trabalhamos de fato. Somos tudo, inclusive estômago e vocês, em vez

de harmonicamente trabalharem conosco, vocês nada produzem e arrancam de nós os produtos do nosso trabalho. Você, Menênio, compara o estômago aos patricios, pensando que aceitamos essa pêsua. Vocês não são estômago, porque o estômago trabalha de fato e vocês nada fazem útil. A verdadeira comparação para vocês, no apólogo, seria a de um vampiro que sugasse o corpo. Sua técnica trapaceira é hábil, mas eu não sou bobo, nem mordo a isca.

2. *A igualdade dos vários membros da Sociedade consiste unicamente em que todos os homens se originam de Deus, seu criador; foram resgatados por Jesus Cristo e devem, segundo a exata medida de seus méritos e deméritos ser julgados, recompensados e punidos por Deus.*

Francamente! vir, nos alvares e agora no meio do século XX, reeditar essa conversa mole em que ninguém mais acredita, nem o Papa, é desopilante; engraçadíssimo num anedotário, mas já não pega falando sério. Quando é que vamos deixar Jesus Cristo sossegado e até quando há de a Igreja asseverar, num desplante enjoativo, que Deus faz isso, quer aquilo, manda aquilo outro, e que vai julgar-nos; direitinho recompensando-nos depois, enquanto eles vão gozando agora?

3. *Portanto, é conforme à ordem estabelecida por Deus que há, na sociedade humana, príncipes e súditos, patrões e proletários ricos e pobres, sábios e ignorantes, nobres e plebeus, os quais, unidos por*

um laço de amor, devam ajudar-se reciprocamente a atingir o fim último no céu, e, na terra, o bem estar material e moral.

Essa é de escacha Deus! Coitado de Deus! Que idéia vilíssima nos dá o catolicismo do *Ser Absoluto, Onipresente Onisciente e Onipotente!!* Se foi esse Deus quem fez tal sociedade, bolas para sua onisciência! Que ele fizesse pedreiros, engenheiros, lavradores, mecânicos, mineiros, eletricitas e mais trabalhadores de verdade, passa! Mas ter feito príncipes, capitalistas, banqueiros, padres e bispos, advogados e juizes, militares e burocratas, essa nociva legião de parasitas, e por causa deles desamparar a multidão de miseráveis, desempregados, prostitutas, proletários da farda, calcetas das minas, agrihoados de toda a terra, espezinados por nobres e ricos de toda a laia, isso, essa horrenda tragicomédia, só derivaria de um ser ultrassádico truculento gozador de torturas atrozes. Teríamos um Deus fascista, hitleriano, imagem perfeita dos governos católicos de todos os tempos.

E ainda se fala em *laços de amor!*

Pois bem! Se o Deus católico instituiu tal ordem, os rebeldes de toda a terra se levantam contra esse deus falso, cruel, paranoico, e ousam propor outra ordem, a ordem da *igualdade* firmada no trabalho igual na harmonia dos produtores, sem agiotes de qualquer casta, mormente os que se arrogam intérpretes desse deus!

Prossuiremos.

PREPARO PARA A AÇÃO SINDICAL

Estamos, parece, livres da ditadura fascista. Pelo menos, há uma Constituição, embora burguesa, que assegura liberdade sindical, direito de greve e dá certos meios de defesa contra as perseguições do governo através das suas polícias.

Ainda ébado passado, um juiz mandou soltar três grevistas da Light presos na última greve por aguladores do movimento e a sentença do juiz assentava no reconhecido direito de greve garantido pela Constituição.

Ora bravos! A tais sintomas confortantes, cumpre-nos considerar um fato animador. Não nos referimos sequer ao Congresso Sindical ultimamente aqui reunido.

E não nos referimos por entrevermos nele uma releves palhaçada promovida pelo Ministério do Trabalho, inimigo número um da classe trabalhadora.

Que o Ministério convocara o Congresso com ânimo apalhante, temos a prova na ordem de fechamento, mal discerniu que os delegados presentes não se deixavam enfrear como azémodas bem passivas. Realmente, os convocados rebusnaram contra as diretrizes fascistas do Ministério e, ao receberem a notícia de haver o ministro resolvido suspender a assembléia, retrucaram com muitos visos de independência sindical, cousa que muito os honra e a nós espanta.

Como nos alegra termos errado nas nossas previsões! Supúnhamos o Congresso uma dependência escusa do Ministério e esse congresso ousa divergir das senhas ministeriais e, depois, erguer-se nos tamancos proletários contra o ditador-mirim, mandando-o quase às favas ou mais além...

Sim senhor!

Isso denota que a velha consciência sindical não morreu e isso dá-nos bastante fôlego para iniciarmos, desde já, os pródomos da nossa campanha dentro dos sindicatos.

Assim, empre, o mais breve possível, reunir, numa Assembléia Constitutiva, todos os trabalhadores avessos à organização Sindical do Ministério e fundar o Sindicato de Ofícios Vários, isto é, um sindicato sem distinção de classes, um sindicato de quaisquer ofícios. Este sindicato vai ser a célula geradora dos futuros sindicatos de classe independentes.

Apelamos daqui para os operários em Construção Civil, os sapateiros, os marceneiros, os marmoristas, etc. para assentarem, em convites pelos jornais desta capital, a primeira reunião preparatória do movimento de reorganização das classes.

Todos à obra, o mais cedo possível!

CARTA DE PORTUGAL

A exploração religiosa sob o governo de Salazar

Lisboa, Setembro — A religião representa em toda parte o papel de protetor das pátrias. Quando explode uma guerra, que dizem ser produto do Diabo, eis a padralhada, de ambos os lados das trincheiras, gritando que deus (escrevem deus com letra minúscula e Diabo com maiúscula, porque deus há muitos, enquanto que o Diabo é só um) protege a sua nação. Temos assim, pois, um deus de duas caras...

Para que o povo se resigne à sua vida miserável é que todos os governos amparam a religião, que representa dêste modo o papel de ópio do povo.

Portugal é um país de ignorantes; da sua população, 92 por cento não sabem ler, segundo cálculos pessimistas; segundo otimistas, apenas 75 por cento! Os camponeses são gente simples, ingênua, ignorante. Nas aldeias são ainda hoje desconhecidos o cinema, o rádio, o telefone e até mesmo se ignora o valor do a-b-c! Em tais regiões, os padres dominam ditatorialmente e em suas casas não se conhece a crise do pós-guerra com o seu trágico acompanhamento da falta de gêneros, do racionamento e do câmbio-negro, pois nelas entram constantemente o pão, o leite, o queijo, a carne e os ovos, que o povo não come para engordar o senhor abade, na mira de, com a sua ajuda, ganhar o céu...

A Lourdes, em França, iam todos os anos em peregrinação centenas de religiosos portugueses. Muitos doentes viajavam até ali, na esperança de uma cura milagrosa feita por Nossa Senhora, que se mostrava na sua gruta. Mas o proveito de tais viagens ao estrangeiro não se destinava ao bolso da padralhada portuguesa, e nisso justamente estava o perigo. Que fazer, pois, para evitar o prejuízo? Isto simplesmente: descobrir no país uma «Nossa Senhora» qualquer e fazer dela uma fabricante de milagres; depois gritar em todas direções (certamente com o apoio do governo) que se deve proceder patrioticamente, isto é, deixar o dinheiro em Portugal, não mais peregrinando a Lourdes. Idéia excelente.

Em 13 de maio de 1917, no cimo de um monte, onde apenas pastores vagueiam, a Senhora de Fátima apareceu sobre uma árvore (como um papagaio ou um macaco!) a três garotos, ingênuos e estúpidos como todos os pastorinhos portugueses. Desta aparição resultou construir-se uma capela no mesmo local do milagre e um fontanário para fornecer água milagrosa.

De ano para ano tem aumentado a clientela da Senhora e da água milagrosa e, em resultado disso, o dinheiro também aumenta constantemente nas burras dos representantes de deus na Terra. Anos depois, a capela foi demolida e, no mesmo lugar, ergueu-se uma igreja. O negócio prosperava e não tardou, por isso, que a igreja fosse também, por sua vez, derrubada e substituída por uma catedral imponente. O negócio marcha de vento em popa, sob a proteção do misógino Salazar, pupilo da Companhia de Jesus e, pois, protetor dos fariseus de roupeta e de toda a cambada correlativa. Os melhoramentos, custeados pelo Ministério das Obras Públicas no santuário de Fátima, são constantes de tal modo, que Fátima já hoje pouco ou nada tem que invejar à francesa Lourdes.

As peregrinações a Fátima realizam-se todos os meses no dia 13, mas aquelas em que maior número de crédulos participam

são as de 13 de maio e 13 de outubro. Os milhares de peregrinos passam ali a noite, para contemplarem, de manhã cedo, ao nascer do sol, o milagre: a Senhora mostrando-se ao rebanho humano. A «procissão das velas» e a «procissão da Senhora», durante as quais se agitam no ar lençóis mais ou menos cheios de mucos, são, ao que nos dizem pessoas que a elas têm assistido, imponentes. As cerimônias de Lourdes são fielmente imitadas.

Peregrinos há-os das mais diversas classes, mas os das classes pobres constituem a maioria. De longe, de todos os recantos de Portugal, chegam milhares de automóveis e muitos campônios marcham dezenas de quilômetros a pé. Das cidades vem também gente, por crença, pelo menos por moda. De cada vez a padralhada recolhe enormes sacos cheios de moedas, bilhetes de Banco, joias, etc. O objetivo foi alcançado!

Atualmente a pátria deve à religião um valioso serviço: graças à genial descoberta a que aludimos, ninguém mais necessita de dar dinheiro ao estrangeiro, pois basta entregá-lo aos padres de Fátima.

E quanto ganham os operários que constroem a imponente catedral? E quantas horas trabalham eles? O salário de um pedreiro é de 15 a 20 escudos (12.00 a 16.00 cruzeiros), o de um carpinteiro ou carpinteiro 23 a 25 escudos (18.40 a 20.00 cr.). O estriamento necessário para morrer-se de fome.

Quando ao dia de oito horas de trabalho, apesar de obrigatório por lei, não se respeita nas obras do luxuoso templo a N. S. de Fátima. Os operários têm de trabalhar ali, se querem comer um pouco, desde o nascer ao pôr-do-Sol. Dão, obrigados, a sua cota parte para a glória da santa milagreira!

As despesas públicas previstas no orçamento do Estado para o ano corrente atingem 4.098.464 contos. Só para assuntos militares o Estado gasta:

Pelo Ministério da Guerra.....	529.039	contos
Ministério da Marinha	360.335	»
Polícia, Guarda Republicana etc.	190.281	»
Guarda das Alfândegas	140.928	»

Soma 1.270.583

Significa isto que só com a defesa do Estado se consome mais da quarta parte de todo o orçamento. Mas reparemos num quadro mais chocante: o Ministério da Educação gasta anualmente 378.415 contos, ou seja menos da quarta parte da soma orçamentada para as despesas com a defesa do Estado e menos de 1/16 de todo o orçamento oficial.

É certo que o povo gosta muito mais de uma Guarda Republicana e de um exército bem vestido e bem nutrido, que de escolas... Resulta de todo o exposto que em Portugal, sob a égide de Salazar (aliado, ontem, de Hitler e de Mussolini, hoje do socialista Atle e do maçom Truman, e amanhã do comunista Stálin), continua a ser, como há vinte anos, de 75% a 90% o número de analfabetos. Para que de outra forma? Não é verdade que, como asseveram os historiadores oficiais, o alfabeto é inimigo da felicidade do povo e que só a ignorância do abc é verdadeiramente edênica? Querem então melhor Eden do que o Portugal de hoje, onde um quilo de açúcar custa no câmbio-negro, único lugar onde se encontra, 100

escudos (80 escudos), a mesma importância 1 litro de azeite, 80 escudos uma galinha (esta fora do câmbio negro) e assim por diante?

Poucas nações, exceptuando as que entraram na guerra, inscreveram no seu orçamento verba tão elevada para despesas de guerra como o que se vê no orçamento de Portugal de após guerra. E ainda há o descaramento de se falar aqui do militarismo das grandes nações!

Antipatriota

A História dirá algum dia a última palavra

(Continuação da 1ª pag.)

espanhol; quero, porém, responder a estas insídias. Diz o articulista:

Quando Largo Caballero resignou, as posições dos anarquistas tornaram-se insustentáveis e tiveram que acompanhá-lo em seu pedido de demissão. Desde aí, expulsaram os heróis que conduziram o levante de maio, submeteram-se à censura de imprensa sem mesmo lutar para a continuação da publicação e circulação da imprensa clandestina, calaram-se vergonhosamente (sob ordem de censura, é lógico) sobre a supressão do P.O.U.M. e o assassinato de várias dezenas dos melhores membros da C.N.T. e F.A.I. e o aprisionamento de milhares de membros dessas mesmas organizações pelo governo Negrin. Criticam no só o quanto é permitido pela censura e sua maior crítica é pelo fato de este governo não tê-lo convidado para participar do gabinete.

Quando a C.N.T. e os anarquistas empunharam as armas para defenderem o que o povo conquistara generosamente em julho de 1936, eu estava em Barcelona e assisti à reunião na qual Andrés Nin ofereceu o seu concurso à C.N.T. com estas palavras:

«Organicamente o P.O.U.M. vale pouco, porém colocamos nosso esforço à vossa disposição pois conhecemos quanto vale o Movimento Confederal e Anarquista».

Eu não quero negar que a minoria do P.O.U.M. lutou ao nosso lado nas barricadas, eles porém, se são honrados e sinceros, não poderão negar jamais que foram a C.N.T. e os anarquistas, os que, como fazem sempre que é necessário defender uma causa justa, elevaram sua voz enérgica e sincera contra o assassinio de Andrés Nin e as perseguições de que eram vítimas os militantes da organização trotskista.

E foi também a C.N.T. pela voz de Federica Montseny, apoiada na sua campanha por todos os anarquistas e também por Largo Caballero, os que impediram que fosse consumado o crime projetado pelo governo Negrin e que consistia no fuzilamento de mais de 40 militantes do P.O.U.M. aos quais acusava infamemente de estarem a serviço do franquismo.

Esquecer este rasgo nobre e generoso é não só uma deslealdade como também uma profunda ingratidão. E' mentira também que a C.N.T. desejasse participar do governo organizado por Negrin no dia 11 de maio de 1937; pelo contrário, quando este foi ao local da C.N.T. em Valência (e eu estava lá como delegado da Regional da Catalunha) para solicitar o concurso da organização confederal, o secretário da C.N.T., Mariano Vasquez, respondeu energeticamente. «El pleno Nacional por unanimidade negar su concurso a cualquier gobierno que usted pueda formar.»

E para que os leitores conheçam um caso histórico direi, que, formado o Governo Negrin, a C.N.T. propôs à U.G.T., a des-

A AUTORIDADE POLÍTICA

RAUL VITAL

A autoridade política é representada pelo Estado. O Estado é constituído por elementos que se presumem direta ou indiretamente «escolhidos» pelo povo. Mas o povo não escolhe ninguém, senão aceita aqueles que lhe indicam os chefes políticos. O sufrágio é uma farsa. Basta dizer que os habitantes do interior ignoram o nome do Presidente da República. O eleitor vota porque e voto é obrigatório ou para ser agradável a alguém, não para atender à consciência de um dever cívico conforme apregam os interessados. Há quem troque o seu voto por um par de botinas, por um almo-

ço, por uma garrafa de cerveja ou por quantia equivalente em dinheiro. Os políticos são interesseiros e sem escrúpulos. Movimentam a campanha eleitoral mediante o mútuo compromisso de tirarem proveito dessa ou daquela situação. Prometem mundos e fundos ao povo e comprometem-se a entregar as posições-chaves aos correligionários. Fulano será isso. Beltrano será aquilo. Cicrano será aquilooutro. Combinam tudo. Depois da eleição é só fazer a partilha. Os que estão no poder sempre levam a melhor por dispoem de mais recursos para comprar a imprensa e fazer propaganda... os cofres públicos.

O povo é quem sefre com essa giga-joga. Assiste a tantos esbuhos e bandalheiras, que se arrepende de haver votado. Mas... é tarde.

A política é o maior embuste do Estado contra o povo. Daí o motivo de grande parte da população ser abstencionista, ou votar em branco quando não pode deixar de comparecer no pleito por circunstâncias particulares. (Entretanto os políticos são astuciosos e sabem tirar proveito de todas as situações e estatuem que os votos em branco serão contados em favor dos governistas.) Tais manobras perdurarão até que o povo se convença dessas patifarias e se recuse terminantemente a comparecer nas eleições.

O Estado é o maior inimigo do indivíduo. Explora-o desde que nasce, obrigando-o a registrar-se e tirar Certidão de Nascimento para provar que nasceu, até que morre, pois depende de atestado de óbito para provar que morreu. Durante a vida cobra-lhe selos e impostos para comer, para trabalhar, para vestir-se, para estudar, para tudo... E' uma exploração sem fim. O Estado ainda encarega fiscais de vigiar o tributário, como prova de desconfiança. Isso é uma demonstração inegável de que o povo é contrário ao tributo; paga o quase à força... e, às vezes, à força mesmo... Qualquer descuido é razão para multa... a lei não admite ignorância». Quantos e quantos negociantes são obrigados a fechar as portas do estabelecimento por não disporem da importância suficiente para cobrir essa exigência do Estado?!

O povo geme, soluça e chora (Continua no próximo número)

asocialização dos transportes, indústria metalúrgica, indústria mobiliária e produtos químicos de Barcelona, criando também essa maravilha científica que era o laboratório Confederal de Experimentação. Tudo isto para defender a liberdade, para dar ao povo uma existência mais humana e feliz.

E quando os líderes da maioria dos partidos políticos ficavam comodamente na retaguarda, eles, que não querem ser chefes nem líderes, e sim militantes conscientes marchavam à frente do povo em armas, com o peito descoberto, em luta heroica contra o inimigo comum.

Lendo as páginas da história da Guerra Espanhola encontraremos os anarquistas, seus mártires. Ascaso, Duruti, José Villaverde, Ramon Acin, Sanches Rosa, Isaac Puente, Vicente Ballester, Peres Feliu, Alfredo Martinez, e centenas de heróis, que deram suas vidas pela causada liberdade.

E agora, honrando sua tradição revolucionária, são eles, os anarquistas, os que lutam heroicamente no interior da Espanha, dando a este mundo covarde e decadente uma lição sublime de dignidade.

A História dirá algum dia a última palavra.